



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 11 | Nº. 20 | Jan./Jun. de 2019

**Francisco Magnel  
Carvalho Rodrigues**

*Mestre em História Social/UFC.  
douglas@uceff.edu.br*

**Reginaldo Alves de Araújo**

*Doutor em História Social pela Uni-  
versidade Federal do Ceará (UFC).  
reginaldocidade2016@gmail.com.*

## VILA VARJOTA: O mito de origem

---

### RESUMO

Este trabalho busca dar respostas à questão de como o discurso oficial construiu uma malha imagético discursivo marcando no tempo a origem de uma suposta unidade e identidade varjotense, gerando com tais artifícios uma restrita lista de heróis fundadores, estes transformaram seu poder simbólico em legitimidade política a partir da crença em ser varjotense.

**Palavras-chave:** História de Varjota; Mito de Origem; Identidade.

---

### ABSTRACT

This paper seeks to answer the question of how the official discourse constructed a discursive imagery mesh marking in time the source of a supposed unity and varjotense identity, generating with such devices a shortlist of founding heroes, they turned their symbolic power in political legitimacy from the belief in being varjotense.

**Keywords:** History of Varjota; Myth of Origin; Identity.



## A identidade<sup>1</sup>

Varjota é uma pequena cidade localizada no norte do estado do Ceará, na micro região de Ipú-CE, a 260 Km de Fortaleza, capital do Estado, o gentílico empregado para identificar moradores ou pessoas oriundas deste lugar se expressa pelo termo varjotense(s), nossa pesquisa analisa a construção e os sentidos promovido ao longo da história sob esta identidade local. Afinal, como se afirmou ao longo dos anos a identidade de “varjotense”?

135

O município possui uma área de 222.6 Km<sup>2</sup>, limita-se ao Norte com o município de Reriutaba do qual se desmembrara após sua emancipação política (1985), ao sul situa-se Pires Ferreira município criado dois anos depois de Varjota, a leste limita-se com Santa Quitéria e a Oeste com Cariré.

Em uma perspectiva discursiva da construção identitária a presente análise levará em consideração o seu caráter processual e aberto, sempre em reconstrução e inacabado, próprio da(s) identidade(s) sociais, este entendimento está em comunhão com o de Stuart Hall em seu artigo *Quem precisa de identidade?* Assim como sua definição do conceito de *Identidade(s)*, chave em nosso texto, onde estas.

[...]não são nunca unificadas; que elas são na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas, e fraturadas: que elas não são nunca, singulares, mas múltiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. [desta maneira] As identidades estão sujeitas a uma historização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação. (HALL, 2000: 108).

Levando em consideração que a principal função das identidades sociais é a de distinguir um grupo cultural de outro para lhe garantir coesão social, a mutabilidade inerente as identidades com suas múltiplas vinculações acabam perturbando o caráter de unidade objetivado por estas mesmas, isto se verifica nas populações e culturas em globalização, a padronização cultural que é almejada pela sociedade industrial acaba sendo combatida pelas identidades e suas miríades.

A formação identitária então se estabelece buscando na história os elementos para a construção ou difusão de sentimentos de empatia, seja por narrativas ficcionais ou memórias coletivas que legam um presente e que inspiram um futuro, gerando identificações e exclusões (Idem: 108).

---

<sup>1</sup> O presente trabalho é a edição de parte da monografia que desenvolvemos para a conclusão do curso de Especialização em Ensino de História do Ceará pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, em 2016.

Desta maneira, as identidades sociais representam dispositivos de poder, tal artifício funcionalmente se aproximam de uma metodologia religiosa, o que Fernando Catroga teorizou por religião civil, analisando a sacralização do contrato social de Rousseau. (CATROGA, 2005: 11)

Deste modo, na religião civil, tem-se um aparato simbólico: mártires, imagens materiais e mentais (símbolos), datas comemorativas (festas), as restrições e os valores motivacionais, assim como uma aspiração coletiva (profético manifesto) e um mito fundador, de tal modo que os grupos responsáveis pela consagração da coletividade local utilizam seu poder simbólico para se notabilizarem dentro de suas arquitetadas *comunidades imaginadas* (ANDERSON, 2008: 33), mostradas pelos discursos fundadores como predestinada a grandeza desde suas “origens”.

Pensando assim, para cercarmos nosso objeto, necessariamente passaremos pelas narrativas da história de Varjota, identificando sujeitos e seus discursos, na construção da *memória coletiva*. Rastreamos assim os mitos fundadores (LE GOFF, 2013: 394) de Varjota, sua seletividade. O que interessa também é dimensionar os efeitos destes discursos, os lugares instituídos pelos mesmos. A quem interessa uma “identidade do varjotense”?

Deve-se chamar a atenção para a conotação que o mito adquire aqui, não se trata de encara-lo como sinônimo de mentira, mas como narrativa, “[...] um sistema de crença coerente e completo” (GIRARDET, 1997: 11), tal coerência é carregada de subjetividade, dando-lhe liberdade criativa, o mais importante é percebermos sua função social. Não é o foco desta proposta, fazer juízo de valor, creditar ou des(a)creditar as narrativas de origens de Varjota.

Segundo Le Goff, a memória escrita, possui dois desdobramentos: a “comemoração”, ou seja, a rememoração de um grupo, perpetuando seus valores e imagens, e o outro desdobramento é a “visibilização” de memórias orais, ou de outra natureza.

Estes desdobramentos da memória escrita (comemoração e visibilização) tem papel essencial nos discursos e relações de poder, com duas funções: o “armazenamento e informação”, assim a escrita da memória “[...] permite comunicar através do tempo e do espaço, e fornece ao homem um processo de marcação, memorização e registro” (LE GOFF, 2013: 394). Oferecendo também uma possibilidade, assim como a oralidade, das reedições das memórias, das fabulações, no sentido de construções discursivas.

Esta função da memória como documento/monumento (lapidado, referente) nos faz pensar em seus operadores, em seus interesses, pois segundo as memórias escritas e orais por nós coletadas, em meados do século XIX, existia às margens dos rios Acaraú e Jatobá, “em um lugar conhecido como Várzea do Mucambo” na região do médio Acaraú, um povoado, hoje submerso pelo Açude Araras (nome oficial: Paulo Sarasate), que dentro das narrativas, deu origem a cidade de Varjota.<sup>2</sup>

### **Retalhando o mito.**

Muitos trabalhos sustentam o mito de fundação da cidade de Varjota como surgido do tal “distrito” ou “vila” das primeiras décadas do século XIX a partir de uma fazenda com o mesmo nome fundada por Padre Macário Bezerra do Valle Arruda (1865-1927), por exemplo nos sites oficiais do IBGE e da Prefeitura Municipal de Varjota e em muitos trabalhos de história local. (BERTOLDO, 2006: 14; OLIVEIRA, 2008:13; FARIAS, 2010: 11; OLIVEIRA 2012: 11)

Todas estas narrativas, demasiadamente semelhantes por sinal, também são encontradas em textos datilografados que colhemos em dezembro de 2015 na Biblioteca Pública de Varjota. Identificamos entre os papéis escritos à caneta em um dos textos a datação de “18 do 06 de 91”; em outro da mesma forma ver-se o número “87” cortado diagonalmente, corte provocado aparentemente durante sua reprodução (xerocópia). Não existe registro de autoria, mas, devido à similaridade das narrativas, pensamos ser estas (juntamente com a oralidade) uma das principais fontes da versão reproduzida na historiografia local.

Em um dos textos supracitados, a autora Gilmara Pio de Farias,<sup>3</sup> escreve que a “vila” teria crescido após a chegada do Padre Macário Bezerra do Valle Arruda (1865-1927), este teria adquirido terras no povoado e montado uma fazenda de nome Varjota. Já nos outros trabalhos citados Pe. Macário é colocado como o fundador do povoado que teria gerado a cidade de Varjota.

Mas, Gilmara também em seu livro Vajotararas, única fonte que trata da história de Varjota publicada em formato de livro, em 2010, e de grande importância pois é

---

<sup>2</sup> A palavra Varjota segundo o dicionário Houaiss significa pequena várzea, ou seja, local na jusante de um rio.

<sup>3</sup> Gilmara Pio de Farias é formada em Letras (UVA), a versão apresentada pela autora sobre a origem de Varjota ou parte dela, foi elaborada por seu pai Francisco Pio de Farias (1930- 2001) um ex-funcionário do DNOCS e ex-político local, como deixa claro no prefácio (p. 5) de sua publicação no ano de 2010.

utilizado nas pesquisas e consultas sobre a história local, a autora apesar de afirmar em uma das primeiras páginas da referida obra que o povoado existia antes da chegada do padre, leva-nos, em outras partes do texto, a entender que a tal “vila” foi fundada por Pe. Macário a partir da fazenda Varjota em meados do século XIX, o que se verifica no trecho abaixo:

O crescimento da população nos arredores da velha fazenda [fundada pelo Pe. Macário] e a excelente qualidade do solo contribuíram para o tímido medrar da pequena Vila em meados do século XIX, cuja atividades socioeconômicas estava atrelada às fazendas próximas, como Carnaubinha, Grosso, Riacho do Meio e Tanques. (FARIAS, 2010: 12)

Notamos que Farias não explica que a fundação da fazenda por Pe. Macário possivelmente só se dá no início do século XX, pois este, segundo uma biografia presente na própria obra citada, apesar de ser natural de Guaraciaba do Norte, próximo a Varjota, morou em diversas cidades do Ceará e em Pernambuco, só vindo residir no município de Ipu (circunscrição da dita fazenda) depois de ter novamente suspensas seus labores clericais “no dia 24 de fevereiro de 1902”. (Idem: 111).

Segundo a mesma biografia o padre teria nascido em 1865, ou seja, pela interpretação apresentada no parágrafo anterior, é possível perceber que há um choque de informações, onde está em jogo a data de fundação da fazenda, colocada pelas citações anteriores como sendo a responsável pela gênese de Varjota. Desta forma, as narrativas colocam o “crescimento da população nos arredores da fazenda” para “meados do século XIX” e lança as origens do povoado para datas mais longínquas no tempo, simultaneamente destaca como responsável pelo “medrar da pequena Vila” o pároco, colocando-o em um rol de heróis locais.

Também é importante destacar que no mesmo período de início e meados do século XIX, o sertão cearense não contava com uma população relativamente grande ou mesmo concentrada nas poucas cidades existentes. Na tentativa de controle destas dispersas habitações o governo imperial criou o mecanismo administrativo das Vilas, ainda no final do século XVIII (Idem: 138). Estas gozavam, em tese, de autonomia, contando com aparelhos administrativos/burocráticos como casa de câmara e cadeia.

No entanto, estas vilas eram vastíssimas, a Vila Nova d’El Rei criada em 1791 (Ipu, elevado à categoria de cidade em 1885), “corresponderia aproximadamente aos espaços das cidades de Guaraciaba do Norte, São Benedito, Ipu, Ipueiras, Hidrolândia, Pires Ferreira, Reriutaba, Tamboril e Varjota”. (Idem: 27).

Temos assim uma noção do quão dispersos os povoados e fazendas da região encontravam-se no século XIX. O termo “vila” aludindo a Varjota primordial é também um anacronismo, pois não encontramos referência ao povoado onde este conste na condição de vila como local administrativo autônomo no contexto do Império Brasileiro e isso revela a intenção das narrativas de engrandecimento do povoado Varjota, entre tanto, segundo nossas fontes orais:

Essa Varjota ali era quatro casinha pouca e tinha só uma igrejinha e tinha o cemitério, era onde enterravam gente... muito perto, era, ai tinha, morava Sr. Antonio Flor, tinha um cartório que era do Sr. Antônio Cunha, eu fui muitas vezes lá comprar leite que não tinha leite ao redor aqui pra vender, e eu ia comprar leite lá sempre, porque era aonde agente sabia que tinha uma vacaria era lá que esse velho tinha, ele e a mulher, quem lutava o velho já era meio puxado na idade e trabalhava no cartório.<sup>4</sup>

O Sr. José Gerardo Gomes é um aposentado do DNOCS. O mesmo é tido como um dos primeiros trabalhadores a chegar ao local da construção do açude Araras, segundo o depoente em 1952. Este teria fixado residência e permanecido na região até a data atual.

A principal fonte que versa sobre a existência do povoado Varjota se encontra nas leis de formação administrativa de Varjota, onde o “Distrito [é] criado com a denominação de Varjota, por ato, de 18-11-1896, subordinado ao município de Ipú”, portanto, podemos presumir sua existência pelo menos na segunda metade do século XIX.<sup>5</sup>

Depois de situar as origens do lugar como sendo dos “primórdios oitocentos” as narrativas de história de Varjota, dão um salto no tempo e passam a falar das obras do Açude Araras utilizando citações dos projetos de construção de uma barragem de “açudagem” na região, criando uma equivalência entre está o próprio distrito citando documentos como “Telegrama n<sup>o</sup> 462, de março de 1920, do Snr. Inspetor ao Eng. Sá Roriz recomendando-o mandar proceder estudos Açude “Araras”. (Apud OLIVEIRA, 2012: 27; Apud FARIAS, 2010: 42.)

Faz-se assim uma cronologia da obra desde sua idealização, colocadas em 1920 (OLIVEIRA, 2008: 13-24; FARIAS, 2010: 41; OLIVEIRA, 2012: 12) até sua conclusão em 1958, mencionando o projeto do açude como se este visasse beneficiar

---

<sup>4</sup> Entrevista com José Gerardo Gomes, realizada em 29 de dezembro de 2015, em sua residência, Varjota-CE.

<sup>5</sup> As leis de formação administrativas são encontradas de página do IBGE acessada pelo link: <http://ibge.gov.br/cidadesat/painel/historico.php?codmun=231395&search=ceara%7Cvarjota%7Cinfograficos:-historico&lang=> Acesso em: 08 de fevereiro de 2016.

centralmente os moradores do antigo povoado de Varjota, de tal forma que este passa a ser entendido como centenário.

É evidente a importância do açude Araras para o desenvolvimento da cidade de Varjota, desde sua construção que segundo os jornais da época,<sup>6</sup> dão conta de grande afluência de “flagelados” à procura de serviços nas obras da construção de estradas e da barragem. Alguns dão números de até 12.000 emigrantes entre adultos, mulheres e crianças. Os mesmos jornais nos fazem refletir sobre o cotidiano, o trabalho, a exploração e miséria que os trabalhadores chamados na época de “cassacos” sofreram durante a construção do açude.

### **A unidade contra o outro.**

Com isto, se dá uma importância ao distrito que talvez este não representasse nas intenções da construção da barragem, esta buscaria segundo o discurso do DNOCS:

a) “Permitirá a cultura intensa das terras de bacia hidráulica, proporcionando vazantes numa área superior a 5 000 hectares, e ensejando, na sua represa o desenvolvimento da piscicultura, ponderável contribuição para melhoria a alimentar das populações das zonas circunvizinhas; b) Facilitará o abastecimento d’água às cidades de Sobral, Licânia e outros grandes núcleos de população da bacia de irrigação; e c) Será um centro de trabalho que, contribuindo para o desenvolvimento em todas as atividades da zona Norte, poderá abrigar contra os efeitos da seca por ocasião das estiagens, em suas vazantes, rede de irrigação e pratica de piscicultura, considerável número de pessoas”. (ACERVO DOS AÇUDES PÚBLICOS CEARENSES, 1951. Apud OLIVEIRA, 2012: 38)

Varjota possui na memória coletiva enfoques que elegem as Obras de Emergência do Governo como suas fundadoras, existiria uma atribuição feita pela memória à sua manutenção, desenvolvimento ou surgimento. A esta vertente vai se opor grande parte dos trabalhos de história local (BERTOLDO, 2006; FARIAS, 2010, OLIVEIRA, 2012). Bem como postagens em sites aqui já citados e discursos de memória oral e escrita),<sup>7</sup> onde fica claro as tentativas de criar um pensamento de unidade para os “varjotenses”, através de uma narrativa que causa um efeito discursivo de continuidade da comunidade do Distrito de Varjota, resistindo a sucessivas transferências

---

<sup>6</sup> Conf. Jornais: Unitário 17/07/1952, Unitário 11/06/1953, Gazeta de Paraopeba 11/10/1953, Jornal Manhã 03/03/1953, Correio da Manhã 11/05/1958, Correio da Manhã 13/05/1958.

<sup>7</sup> Lembrar aqui que, nos papéis encontrados na Biblioteca Publica de Varjota, em um texto, conservado dentro de uma pasta, percebemos que narrativa da história de Varjota se alinha as apresentadas até aqui.

(deslocamentos populacionais) provocadas por inundações e ameaças de inundações durante e após a construção do açude Araras, esta identidade estaria ao longo da dita história e atualmente distinguindo-se da identidade daqueles que vieram “de fora” no período das obras da barragem.

A identidade varjotense estaria constituída mesmo em um contexto onde os povoados dispersos pelo sertão não se enxergavam e nem eram tratados como uma comunidade unificada? Existiria uma identidade cultural mesmo vindo a população local a ser formada, em sua grande maioria, por emigrantes de outras cidades e regiões durante e depois das obras do açude Paulo Sarasate/Araras? Sustentar-se-ia uma identidade varjotense mesmo sabendo que houve um processo de formação de novas comunidades que se expressou e se constata pela troca de nomes que o lugar sofreu no período que vai da construção do açude (Araras) até sua emancipação política, quando é oficializado o nome Varjota?

Existem algumas controvérsias sobre o início das obras do açude. Segundo o jornal Correio da Semana de 13 de novembro de 1954- nº 58, que fazia o convite para a solenidade de lançamento do “primeiro carrinho da mão cheio de terra na fundação da barragem do açude”, ela teria iniciado em 1954, porém as narrativas de história local a situa anteriormente.<sup>8</sup> Ou seja, possivelmente elas teriam iniciado sem a divulgação oficial do início das obras, sendo (re)feito o anuncio somente em 1954, isso é importante para situar os leitores sobre a temporalidade daquela que para nós foi à época de formação maciça de uma população que viria a se instalar no local assim que circularam as informações sobre o início da construção.

Existiu um grande aglomerado de pessoas que se empregaram (ou tentavam se empregar-se) na construção do açude. “O DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra Secas) ordenou a construção de um acampamento improvisado para os desabrigados e para os trabalhadores. O Local foi batizado de Araras Velho...” (FARIAS, 2010: 13)

Os dois topônimos: Araras e Varjota, assim como as duas comunidades (Araras e Distrito Varjota) existentes na época da construção do açude, com a transferência de ambos os povoados para a então Piçarreira (ver Figura 02), depois da

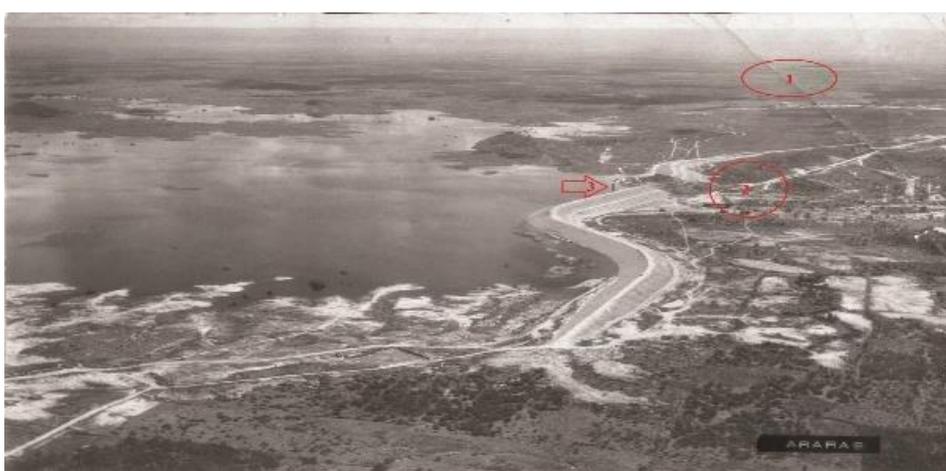
---

<sup>8</sup> FARIAS, Gilmara Rejane. Varjotararas. Sobral: Sobral Gráfica, 2010: 46. No site da Prefeitura Municipal de Varjota, e na obra *Retrato abreviado de Varjota* (p. 14), material não publicado de autoria de Francisco Auricélio Bertoldo que é formado em Biologia (UVA) e ocupa o cargo de vereador pelo segundo mandato consecutivo desde 2009.

conclusão do açude, (Araras e o Distrito Varjota) se entrelaçaram, formando enfim um novo povoado, onde hoje fica a sede do município de Varjota. Até a emancipação política em 1985, a população local não se identificava somente como varjotense, mas também a comunidade era conhecida bem mais como Araras.

A partir de uma foto aérea da barragem do açude Araras (Figura 01) que consideramos ser do ano de 1958, fizemos indicações das possíveis localizações do então Distrito Varjota e do povoado Araras (o açude foi concluído em 31 de julho de 1958).

**Figura 01- Açude Araras - 1958**



**Fonte:** Montagem feita a partir de uma imagem coletada em arquivo virtual nos computadores da Sec. De Cultura de Varjota, em dezembro de 2016.

**Legenda:** 1- Possível localização do Distrito Varjota, antes de ser submerso pelas águas do açude, o que só Barragem do açude Araras, supostamente no ano de 1958, indicações das possíveis localizações das comunidades do Distrito Varjota e do povoado Araras (velho).

Vem a ocorrer por completo entre os anos de 1959 e 1960 por estimativa.

2- Possível localização do povoado Araras (velho), formado a partir dos acampamentos dos trabalhadores das obras do açude.

3- Torre de controle de saída de água, conhecida popularmente por galeria.

Observando a torre de controle (galeria) indicada pela numeração 3, (ver Figura 01, logo em seguida), percebemos que o nível da água estava baixo, aparentemente menos de 1/5 de sua capacidade máxima. Assim, o Distrito Varjota ainda estaria a salvo e possivelmente povoado, isso porque o ano de 1958 foi um ano de estiagem, atualmente na estiagem é possível visualizar a mostra as ruínas daquele que teria sido um cemitério do antigo Distrito.<sup>9</sup> Quando o nível de água está alto nota-se que a galeria

<sup>9</sup> Em uma busca por vestígios arquitetônicos do antigo Distrito Varjota feita no ano de 2015, localizamos e registramos em fotos algumas ruínas de túmulos de um cemitério situado em localização indicada pelas narrativas históricas e memórias de populares como sendo o local onde existiu a primordial “vila Varjota”,

fica quase inteiramente submersa, da forma como estava o nível visto na imagem a baixo aparentemente é visível que as áreas então atingidas pelas águas não alcançavam o Distrito, levando-nos a concluir que as duas comunidades, Varjota e Araras, por algum tempo, existiram sincronicamente.

Segundo as narrativas o termo Araras teria se popularizado pela presença de aves do mesmo nome no local da construção da barragem do açude e os engenheiros do DNOCS o adotara para batizar as obras da represa. (FARIAS, 2010: 17)

Nas passagens das narrativas de história local percebemos recurso discursivo que trazem a ideia de que o distrito ou “vila” permaneceu em unidade transferida para o então Araras. Deste modo, não só a projeção da comunidade de Varjota é lançada em tempos e espaços longínquos, mas também, seu perfil em movimento diacrônico é passado como coerente, contínuo e intacto, como se verifica no trecho

A atividade comercial de Varjota teve início na pacata Vila de Varjota através da agricultura de subsistência, pecuária (criação de pequenos rebanhos) e artesanato (peças de algodão e couro) [...]. Com a transferência dos moradores para o Araras Velho (antigo centro comercial de Varjota) o DNOCS cedeu um barracão para que se montasse ali um novo mercado público. (Idem: 14)

Aqui está o grande sustentáculo utilizado para manter uma ideia de continuidade do Distrito Varjota que, segundo tal discurso, seria centenária e tornar-se-ia município em 1985; quando na verdade este discurso foi montado posterior à emancipação, para justificar as decisões políticas de urbanização, burocratização e a chamada *identidade do varjotense*, notabilizando sujeitos e secundarizando outros.

No entanto, na passagem:

Enquanto o Acampamento do DNOCS, conhecido hoje como “Araras Velho”, ia tomando corpo de um lugar e de uma “civilização”, embora temporária, o Distrito [Distrito de Varjota] concomitantemente se preparava para seus últimos momentos, mas resistia à medida do possível, ao que lhe estava previsto. (OLIVEIRA, 2012: 41).

A autora deixa claro que a comunidade de "Araras Velho" além de conviver com o Distrito de Varjota, "foi tomando corpo de “civilização” [cidade?], embora temporária" e que o Distrito se preparava para seus últimos momentos.

---

no entanto, não conseguimos localizar em uma longa extensão do entorno nenhum outro vestígio físico de construções, a altura da vegetação prejudicava as buscas.

## Retalhos de um tecido.

Percebemos o recurso da continuidade do Distrito de Varjota, sendo empregado em outros discursos, como nas obras de Bertoldo (2006: 14) e Oliveira (2008: 56 e 2012: 41), e difundido na memória coletiva, como verificamos nas entrevistas por nós realizadas.

Assim, analisando trechos das narrativas como o que diz que

As permutas da feira e da igreja para o novo ambiente foram às primeiras que abalaram e caracterizaram tal metamorfose, porém, alguns moradores insistiam em continuar realizando ali mesmo, seus “negócios” assim denominados as práticas... (OLIVEIRA, 2012: 41).

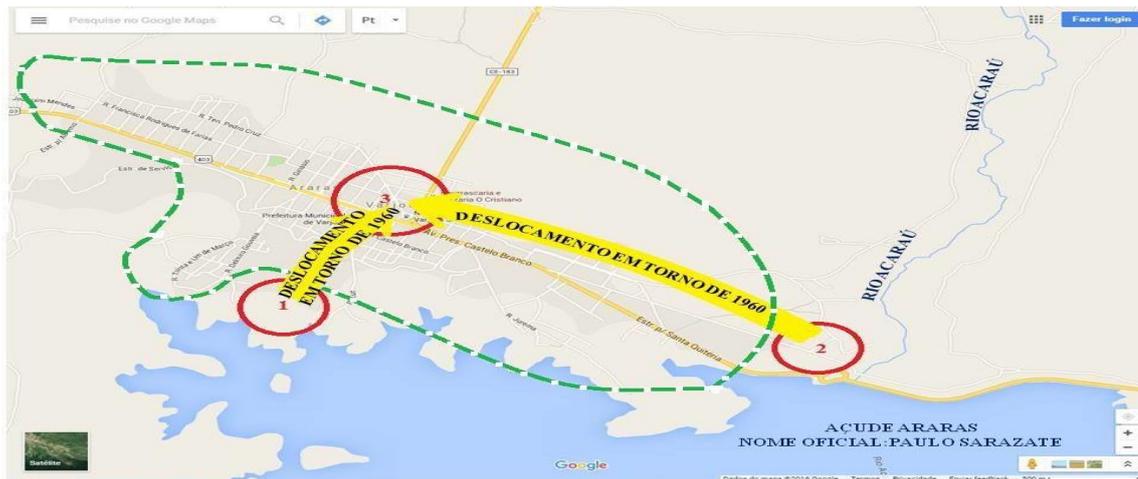
Notamos que a religião Católica é utilizada como um elemento constitutivos (da essência) de tal identidade varjotense. Mas, a igreja do Distrito Varjota teria sido transferida para o Araras Velho? Existem depoimentos orais e documentos de batistério que nos levam a entender que a Igreja da Matriz teria sido construída já no local onde permanece até hoje (Centro da Cidade, por tanto, distante do Araras Velho).<sup>10</sup> O entendimento sobre a (não) transferência da Igreja para próximo do local da barragem do açude (*Araras Velho*) tem consonância com outros depoimentos que dão conta da transferência de tal igreja do Distrito Varjota para a *Piçarreira*.

O fato é que não encontramos referência a transferência da Igreja do Distrito de Varjota para o Araras Velho, deste modo, a não transferência da Igreja para o Araras Velho e sim para a Piçarreira (depois passou a ser chamado de Araras e por fim chamado de Varjota) seria problemático para uma ideia de continuidade da comunidade do Distrito de Varjota (inundado pelo açude) por meio de sua reinstalação no Araras Velho, considerando que o culto a Nossa Senhora Sant’ana é um dos elementos colocados pelo discurso oficial como componente identitário do(s) varjotense(s).

---

<sup>10</sup> Ver: RODRIGUES, Francisco Magnel Carvalho. **De Onde Vem O Varjotense: A Construção da Identidade**; 2016; Monografia; (Especialização e Ensino de História do Ceará-UVA. p.31

**Figura 2-** Possíveis localização das comunidades do Distrito Varjota, Araras (velho) e Piçarreira (atual centro do Município de Varjota).



**Fonte:** Mapa montado a partir de imagens retiradas do site Google Maps na internet.

**Legenda:** 1- Possível localização do *Distrito Varjota*, elevado a tal categoria em 1896, então subordinado ao município de Ipu, transferido para a circunscrição do município de Santa Cruz (Reritiba) em 1935, inundado pelas águas do açude Araras (nome oficial: Paulo Sarasate), e transferido por volta de 1960, para a então Piçarreira.

2- Possível localização do povoado denominado *Araras (velho)*, que formou-se durante a construção do açude (década de 1950), após a inauguração do açude (1958) por volta da década de 1960 foi consideravelmente despovoado.

3- O local foi chamado durante a construção do açude (década de 1950) de *Piçarreira* e não possuía grande ou reunida vizinhança. Depois, após agregar as populações oriundas do Araras (velho) e do Distrito de Varjota, passa a ser denominado popularmente por *Araras (novo)*. Por fim, com a emancipação política (1985) é oficialmente denominado por Município de Varjota. O local corresponde atualmente ao *bairro Centro*.

 - A parte circundada de verde pontilhado destaca a atual zona urbana do município de Varjota, criado em 1985.

 - As setas amarelas indicam o deslocamento populacional do Distrito Varjota e Araras (velho) para a Piçarreira, em torno do ano de 1960, a partir de então a Piçarreira passaria a ser chamada de Araras (novo) até a criação do município de Varjota em 1985.

Após a finalização da obra do açude o povoado Araras foi transferido para a Piçarreira, a área seria o que corresponde hoje ao centro da cidade de Varjota, o motivo apontado pelos textos é que havia o risco de inundação. O Distrito de Varjota foi inundado, e despovoado por volta da década de 1960, ficou submerso pelas águas do açude, seus moradores também se deslocaram para a região da *Piçarreira*, é importante frisar que tais movimentos não foram seguidos por todos os moradores nas transferências citadas.

A comunidade formada na *Piçarreira* por moradores advindos do povoado Araras (lembrando, este primeiro Araras viria a ser chamado de Araras Velho) e do Distrito Varjota foi logo identificada como Araras (um segundo Araras) e o antigo local onde existiram os barracões do acampamento do DNOCS, despovoado, ficou conhecido como

Araras Velho para se distinguir do “novo” Araras formado na região antes chamada de Piçarreira. Durante muito tempo tal comunidade continuaria a se identificar por Araras.

Aqui se localiza o grande incômodo que gerou a presente pesquisa. Poderíamos considerar que o novo povoamento, feito na atual localização da sede de Varjota é a continuidade do Distrito Varjota, inundado pelo açude Araras? Mesmo com todos os retirantes que aqui chegaram à época da construção do açude formando o povoado “Araras”? Mesmo sabendo que depois este Araras fundiu-se ao distrito Varjota quando da transferência de ambos para a então Piçarreira? A junção destas duas povoações (Distrito Varjota e Araras Velho) significou o fim ou a completa assimilação da segunda pela primeira? Ou seria uma nova comunidade que se imaginaria como Varjota município, e buscaria, em relações de poder, seus elementos constitutivos (inclusive mitos fundadores)? Que sujeitos operacionaram na construção de tal comunidade imaginada?

A cidade formada pela junção do Distrito Varjota (após as migrações provocadas pela inundação das águas do açude) e do povoado Araras Velho, até a emancipação política em 1985 era popularmente, e em muitos casos, oficialmente tratada por Araras, como mostra documentos da Igreja local, coletados por nós na Paróquia do Município de Reriutaba, onde consta em documento de batistério datado de 30 de Março de 1969 como local do batizado Araras, no mesmo livro de batistério, há referências à realização de batismos na “Igreja de Santana”, apesar da comunidade não ter sido elevada à condição de distrito. Em documento datado de 1956 consta como local Varjota e em outro do mesmo ano consta Araras na localização da igreja, os demais com datas subsequentes constam como local da Igreja: Araras, ou seja, tudo indica que a Igreja teria sido concluída em 1956 no local que permanece até hoje, mas já havendo uma (con) fusão ou disputas por identidades que se definiriam pelos termos Varjota e Araras.

E mesmo carteirinhas e recibos de contribuição de sócios do Club Recreativo Araras (fundado em 1966), contem em sua identificação de local, respectivamente, *Araras 4 do 4 de 1967 e Araras 7 de 11 de 1977*, assim como o convite para a festa de concludentes da primeira turma de formandos da primeira Escola da cidade, Escola de 1º Grau Waldir Leopércio, no ano de 1978. (RODRIGUES, 2016: 34-35)

Com o crescimento da comunidade, impulsionado pelas riquezas proporcionadas pela construção do açude e do comércio, almejava-se a emancipação política em relação ao município de Reriutaba. Normalmente a historiografia local coloca o início das mobilizações para a emancipação política de Varjota para o início da década de 1970. (FARIAS, 2010: 73)

Em trecho de um discurso de Francisco Pio de Farias (ex-vereador de Reriutaba e Varjota), escrito em pleno processo emancipatório, é demonstrado entre outras coisas a identidade de “araraense” existentes na época na população local, pois, além do título “Unamo-nos Araraenses”, em diversas partes do texto ele conclama a comunidade a lutar por sua emancipação política, quando diz “Com isso, não quero ser um “Moises” (...). Mas, é preciso (...) libertar os araraenses do jugo faraônico reriutabense.” (Idem: 76), nos revela as mitologias políticas que são lançadas a partir da luta pela emancipação, para formar imagens de seus políticos locais (heróis) e antagonistas (forças do mal), assim como fundamentar uma narrativa histórica que justifique as ações tomadas pelos sujeitos notabilizados nas mesmas, formando uma imagem do que tornar-se-ia o “varjotense”.

Entre as imagens e mitos evocados no discurso de Francisco Pio de Farias e na memória coletiva, percebemos que ao tratar deste trecho da história de Varjota é sempre enfatizada uma ideia de “unidade varjotense”, mesmo que o sentimento de pertença tivesse mais referências a Araras do que a Varjota como demonstramos nos parágrafos anteriores. Tal unidade defenderia a comunidade contra aqueles que buscavam lhes “desunir” para continuar a dominá-los (reriutabenses). O mito da unidade (GIRARDET, 1987: 141) é expressivo em tais narrativas.

Enquanto o site oficial da Prefeitura Municipal de Varjota posta que “A ausência de forças políticas adiou o processo emancipatório”, Gilmara Pio de Farias (2010) tenta mostrar seu pai, o então vereador Francisco Pio de Farias como aquele que teria “encabeçado” a primeira tentativa de emancipação de “Varjota” e escreve que

Com o fracasso da primeira tentativa, a segunda foi reavivada nos anos 80, desta vez com mais força e contou com o apoio de importantes políticos do cenário cearense. O estopim para o reaquecimento do processo foi o enfraquecimento político de Reriutaba devido uma disputa de poder sucedida entre o prefeito Ivan do Vale Rego e seu vice-prefeito João Macedo Ximenes (FARIAS, 2010: 73).

O processo emancipatório teria se resolvido durante a intervenção de Ivo [Orlando Façanha] de Sá na Prefeitura Municipal de Reriutaba, nos textos que versam sobre a história local percebemos a intenção de esquecer a pertença identitária ao Araras. Durante a descrição (criação) do fato, embutindo a ideia de que Varjota simplesmente existia a tempos (fazenda do padre Macário no século XIX) e em 05 de fevereiro 1985 emancipa-se, como por exemplo em Farias (2010: 79).

## Protetores e “potentados”.

Os textos que tratam sobre a história local, constantemente instituem uma lista de “nomes ligados diretamente à emancipação de Varjota” (Idem: 79). Criam, desta forma, um panteão de heróis locais, figuras que se juntaram na narrativa a Pe. Macário, dito fundador de Varjota.

O que podemos perceber é que muitos deles já disputavam ou ocupavam cargos de administração pública desde a década de 1970,<sup>11</sup> ou seja, mais do que libertar o povo da opressão “faraônica de Reriutaba” lhes interessava um campo de domínio político, onde pudessem com mais facilidade controlar a população e assim adquirir algum privilégio. Vemos também que entre os “heróis” são citados muitos comerciantes que almejavam maiores investimentos em infraestrutura que aumentassem a lucratividade de seus negócios.

Dos nomes listados acima, os que não ocupavam cargos de administração pública na Prefeitura Municipal de Reriutaba antes da emancipação de Varjota (1985) vieram a assumir cargos de vereador na então recém-criada Varjota, com exceção a José Arteiro Rocha, Francisco Paiva Monte e Vanderlande Custódia de Azevedo, os dois últimos são comerciantes. Muitos dos envolvidos na política da época eram os mesmo que doavam ou vendiam terrenos para atrair uma população durante a ocupação da *Piçarreira* (antigo Araras “novo” e atual centro de Varjota).

Nas entrevistas de história oral por nós coletadas, encontramos referências a outros nomes, segundo as fontes, envolvidos no processo de emancipação política de Varjota. Nomes que não constam na lista apresentadas pela história oficial, como: “Marco Nunes Neto... Dona Raimundinha Pires, vice-prefeita hoje, enfim, muitas pessoas, meu amigo José Neco, muitas pessoas, Sr. João Ximenes, José Auleriano de Farias...”<sup>12</sup>

E estes também ou são pessoas envolvidas na política de Reriutaba antes da emancipação de Varjota, ou se envolveram na política varjotense depois de emancipada, com exceção a José Gerardo Gomes, funcionário do DNOCS.

Observando a composição dos poderes locais instituídos em 1985, mas que já se encontravam em atividade quando Araras/Varjota era ainda circunscrito(a) no município de Reriutaba, notamos que existiu uma decisão que não foi necessariamente

---

<sup>11</sup> Estas listas encontram-se mais detalhada em RODRIGUES, Francisco Magnel Carvalho. *De Onde Vem O Varjotense: A Construção da Identidade*. 2016; Monografia; (Especialização e Ensino de História do Ceará-UVA. p.37.

<sup>12</sup> Entrevista com Gentil de Souza Magalhães, 74 anos, 2016.

unânime quanto à escolha do nome do novo Município, que posteriormente gestaria todo um aparato simbólico e muitas vezes mitológico para explicar sua origem. Isto porque dentro do grupo que articulava a emancipação, existiam algumas pessoas que eram familiares dos antigos moradores do povoado Varjota (inundado pelas águas do açude) é o que coloca informações de depoentes que vivenciaram o fato:

Ai quando mudou aqui pra Piçarreira, que nós fomo transforma ela em emancipação política, em cidade, foi que discutimos para que fosse é até que a gente queria que fosse Arara do Norte, mas, como a maioria optou, para que fosse Varjota, porque era uma tradição, desse, dessa, desse lugarejo que ficou dentro do açude, conhecido como Varjota, aí resolvemos, a maioria concordou que a cidade.<sup>13</sup>

Houve ainda grupos que propuseram a junção dos nomes Araras com Reriutaba, verificaremos a seguir, a transcrição da fala de Felix Ximenes Furtado, um comerciante local pertencente a uma das famílias tradicionais de Varjota diz

Aí o pessoal do DNOCS se ajuntado pra botar o nome da Varjota, Arariutaba, aí quando eu soube já tava tudo preparado, etimente... Emiliado, cumpade.... Dianor, trabalha em campanha quando eu cuidei não já tava tudo preparado para ser votado na Reriutaba. Mudar o nome de Arara, de Varjota pra Arariutaba, aí quando eu soube eu dei o contra.<sup>14</sup>

O fato de muitos líderes do processo emancipatório serem descendentes de familiares do antigo Distrito Varjota, foi decisivo para a escolha do nome Varjota, como o caso do Sr. Felix Ximenes

eu queria, por que é, um patrimônio do meu avô ninguém podia desmanchar né, tava com quase 100 ano de idade, aí eu o dia da votação lá, pra mudar Varjota pra Arariutaba eu soube e fui bater na Reriutaba, cheguei lá eu era gente, eu gritava mesmo, eu falei com Zé Aguiar era chefe nesse tempo pra me ajudar. (Idem).

Justificativa parecida é dada pela Sra. Maria Ferreira Pires, mulher do falecido Antônio Ferreira Pires (2006), o Gentil Pires, primeiro prefeito do Município (1986-1988), na mesma fala em que ela o coloca, por sua vez, como protagonista do processo emancipatório,

É porque ele tinha nascido na Varjota né?! Chamava vajota, tinha... faz o mesmo coró do terreno pra cá né? porque era inclusive as terra lá que era dos pais dele,

<sup>13</sup> Entrevista com Gentil de Souza Magalhães, 79 anos, 2016.

<sup>14</sup> Entrevista com Felix Ximenes Furtado, 90 anos, 2016.

e os fundos pra cá que entrava aqui, o pai dele tinha terra até ali, na Varzea da palha, aí ele achou que o nome que devia ser o certo era.<sup>15</sup>

Gentil de Souza Magalhães, em seu relato deixa transparecer que parte da população desejava que o nome do lugar continuasse Araras como era mais conhecido, “a minha opinião era que fosse chamada Arara do Ceará, mais a maioria queria Varjota, então ficou...” (Gentil de Souza Magalhães, 79 anos, 2016). E quando perguntamos quem dos “líderes da emancipação tinha parentescos na antiga Varjota” ele responde

Veja bem, as pessoa aqui mesmo que tinha mais parentesco mesmo, era o saudoso Antonio Pires Ferreira, com seu Antônio de Oliveira, que é pai dele, né, que a família tradicional aqui de Varjota, a família Pire é uma família tradicional de Varjota, o Sr. Raimundo Américo também, daqui também, eu acho que era daqui também, o Ximenes, Sr. Felix Ximenes, foi um baluarte em Varjota, porque ele começou vindo primeiramente e começou trazendo a família dos irmãos de poquinho, um pouquinho de cada, o Sr. Felix Ximenes é um cidadão que para mim, tem um nome na Varjota, porque foi um fundador da... foi um homem que lutou muito pela Varjota, chamasse Felix Ximenes de Furtado, Felix Ximenes, José Furtado, José Auleriano de Farias, saudoso Leriano de Farias, Raimundo Américo também, foi um homem que lutou pela Varjota, fez doação de terra, Felix Ximenes, é Sr. Raimundo Américo, José Leriano de Farias, esse homens... Antonio Lino... Esses homem também se doaram muito para que Varjota se desenvolvesse, naquele tempo não tinha tanta ambição, por nada, todo mundo pegava, doava terra pra quem quisesse uma casa, arrumava, a maioria...<sup>16</sup>

As declarações de escolhas pessoais feitas por políticos ou pessoas ligadas a eles, a respeito do nome para o Município ser Varjota contrasta com outras justificativas dadas por textos de história local que atribuem a escolha a motivos meramente burocráticos (FARIAS, 2010:18). Embora houvesse apelos por topônimos envolvendo o termo “Araras”.

É possível que, por motivos burocráticos, o termo Araras não tenha se enquadrado bem no processo tanto quanto o termo Varjota que já era um distrito de Reriutaba, mas a explicação de que o termo Varjota prevaleceu porque “foi mais racional” devido ao aceleração do tramite na Assembleia Legislativa se mostra bastante simplista e reduz todo o caráter passional envolvido na escolha do nome da cidade em questão. O discurso de “facilidade burocrática” empurra para o esquecimento experiências concretas de milhares de pessoas, que por algum tempo ainda esperaram pela promessa de que o nome do lugar voltaria a ser Araras, é o que nos fala José Arteiro Rocha, aposentado do DNOCS que teria vivenciado o ocorrido.

---

<sup>15</sup> Entrevista com Maria Ferreira Pires, 69 anos, 2016.

<sup>16</sup> Entrevista com Gentil de Souza Magalhães, 79 anos, 2016.

Aí os homens prometendo de quando passasse o primeiro pleito, de certo governo, eles iam passar pra Arara Veí de novo, aí não, todo mundo gostou de Varjota, ficou Varjota e ninguém não passou mais não, não tem quem aceite mais...<sup>17</sup>

## Considerações Finais

Desta forma, consideramos que a formação da identidade do varjotense, passa não só por trâmites oficiais e exigências legais, mas também por escolhas de apelo sentimental, fazendo uso de imagens e mitos para mostrar-se histórica, uma sacralização do social e político, a partir da emancipação política em 1985 é que os poderes locais vão qualificar “o varjotense”, providenciar narrativas e símbolos que contém sua origem, em busca de adesão à comunidade imaginada que propõe agrupar a todos, mesmo a custa de esquecimentos, exclusões, ênfases exageradas, omissões e promoções de sujeitos sociais.

Todo este movimento deixa uma gama de materiais que permite sua historicização e a visualização de trajetórias e interditos. Como toda identidade social é multifacetada, ver-se que todos os monumentos construídos pela, digamos assim religião civil varjotense, como uma sombra, obscurecem outros espaços e sociabilidades estabelecidas em relações de poder.

## Bibliografia

- ANDERSON, Benedict R. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottman. – São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BERTOLDO, Francisco Auricélio. *Retrato abreviado de Varjota*. Varjota: s.n., 2006.
- CATROGA, Fernando. *Nação, mito e rito: religião civil e comemoracionismo (EUA, França e Portugal)*. Fortaleza: Edições NUDOC/ Museu do Ceará, 2005.
- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da história*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 3 ed.- Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- FARIAS, Gilmar Rejane. *Varjotararas*. Sobral: Sobral Gráfica, 2010.
- FARIAS FILHO, Antonio Vitorino. ARAÚJO, Raimundo Alves de.(Orgs). *Nas Trilhas do sertão: escritos de cultura e política nos interiores do Ceará (1850-1930)*. Sobral, CE: Sertão Cult, 2014.

<sup>17</sup> José Arteiro Rocha, 83 anos, 2016.

FERREIRA, M.M.; FERNANDES, T.M.; ALBERTI, V. (org.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2000.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras. 1997.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

OLIVEIRA, Inara Alves de. *HISTÓRIA E MEMÓRIA: Uma Nova Versão sobre a Construção do Açude Araras*. Monografia; (Aperfeiçoamento/Especialização em História e Geografia) - FACULDADE KURIOS. 2012.

PORTELLI, Alessandro. História Oral e Poder. In: *Conferência no XXV Simpósio Nacional da ANPUH*, Fortaleza, 2009.

RODRIGUES, Francisco Magnel Carvalho. *De Onde Vem O Varjotense: A Construção da Identidade*. Monografia; (Especialização e Ensino de História do Ceará-UVA). 2016.

### **Páginas da Internet**

IBGE- disponível em <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/ceara/varjota.pdf>>, Acesso em: 06 de fevereiro de 2016.

Prefeitura Municipal de Varjota- Disponível em <[http://www.varjota.ce.gov.br/v3/index.php?option=com\\_content&view=article&id=33&Itemid=43](http://www.varjota.ce.gov.br/v3/index.php?option=com_content&view=article&id=33&Itemid=43)> Acesso em: 06 de fevereiro de 2016.

---

### **Francisco Magnel Carvalho Rodrigues**

Mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC), especialista em Ensino de História do Ceará pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2016). Professor de História do Ensino Fundamental II na Rede Municipal de Educação de Cariré-CE.

153

---

### **Reginaldo Alves de Araújo**

Doutor em História Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC), pesquisador do Grupo de pesquisa Sociedade e Cultura no Brasil Oitocentista (SEBO), professor da Escola de Ensino Fundamental e médio Ayres de Sousa.

---